

Esopo em terena:

Não é fabuloso?

Wilmar R. D'Angelis

Obra resenhada: FARGETTI, Cristina M.; SILVA, Denise (orgs.). Kalihunoe exetinati mboke'exake. Fábulas de Esopo em terras Terena. Tradução ao Terena: Maisa Antônio. Coord. Concurso de Desenho: Walquíria A. Santos Bitonti. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2018, 48 p.

Trata-se de um pequeno livro bilíngue Português-Terena, que reúne 20 fábulas selecionadas de Esopo, traduzidas para a língua Terena por uma professora indígena, falante nativa da língua, do Mato Grosso do Sul. A ideia da obra surgiu no bojo de uma pesquisa de pós-doutorado de Denise Silva (que há anos vem se dedicando ao estudo e à descrição da língua Terena falada no Mato Grosso do Sul), em diálogo com sua supervisora, a linguista Cristina Fargetti, da UNESP. Da ideia original de compor um banco de narrativas indígenas, traduzidas para as várias línguas faladas no país, passou-se à ideia de adotar narrativas que não fossem, originalmente, de nenhuma das sociedades indígenas, e que fossem narrativas de origem estranha a todas elas. Entenderam, as organizadoras, que, mesmo no caso de narrativas com roteiro semelhante, envolvendo os mesmos animais, em diferentes línguas indígenas (“histórias que se repetem em diversas culturas”), a escolha de uma delas, em detrimento de outras, poderia configurar uma espécie de *leitura tendenciosa*: “*aí entrou a ideia das fábulas de Esopo, numa busca de menor tendenciosidade*” – dizem as organizadoras, na *Apresentação* da obra.

Obviamente essa escolha não estaria livre do viés cultural grego de Esopo, o que as organizadoras buscaram contornar



Esopo em terena: não é fabuloso?

selecionando – dentre as fábulas publicadas na edição da Cosac-Naify (2013), em tradução do grego por Maria Celeste Consolin Dezotti –, “*fábulas que tivessem um conteúdo ‘menos grego’*”, tarefa que coube a Cristina Fargetti. A ela também coube produzir uma espécie de tradução da tradução, ou seja, produzir uma versão das fábulas em um português menos erudito ou rebuscado, usando construções e vocabulário mais simples, para constituir a base da tradução ao Terena.

Para ilustrar o livro, realizou-se um concurso de desenho entre alunos de 15 escolas de Miranda (a maioria delas, da rede municipal, mas também estaduais e particulares). Os desenhos selecionados, que vieram a compor a obra, constituem um complemento importante como ilustração das narrativas, sendo alguns deles de muita expressividade.

A iniciativa integrou-se às ações do Projeto Kalivono, conduzido pelo Instituto de Pesquisa da Diversidade Intercultural (Ipedi), e teve o apoio da Brazil Foundation, da UNESP e contou com recursos da Capes.

Como costuma ocorrer com publicações em língua indígena, a obra se ressentia de uma revisão ortográfica mais acurada, particularmente no que se refere à acentuação gráfica.¹

Quanto aos textos, adapta-se a fauna presente nos originais pela fauna conhecida no território tradicional do povo Terena (como o porco-do-mato), mas estão presentes também os animais introduzidos pelos europeus na vida indígena (como o cão e o galo).

O recurso da tradução como uma forma de aumentar o repertório de materiais escritos em uma língua de tradição oral, ao

¹ Verificamos isso em uma sessão de trabalho em que buscamos gravar a narração de algumas dessas narrativas exatamente para estudo do acento em Terena. Participaram dessa sessão, além de mim, o professor terena Márcio Pedro, da Escola Indígena Maria Rosa, da Aldeia Icatu (Braúna, SP) e o linguista Magnun Rochel Madruga, da UFMG.

mesmo tempo em que isso constitui um desafio aos tradutores, que resulta em enriquecimento da língua-alvo, é algo que contribui muito para o fortalecimento de línguas de tradição oral (cf. D'Angelis 2005, p. 36-39; 2007, p. 36-38).

Os missionários-linguistas do SIL (Summer Institute of Linguistics) costumavam usar a desculpa de que a Bíblia é uma obra universal, de modo que traduzi-la para línguas indígenas era um modo de contribuir para o fortalecimento de tais línguas. Trata-se claramente de um artifício para mais um ato de invasão cultural. Sem contar o fato de que a ideologia religiosa do SIL leva necessariamente à traição da perspectiva e dos valores culturais expressos na língua indígena, subvertendo o sentido de palavras e expressões, quando interessa, ao missionário, condenar as concepções e práticas culturais indígenas, do mesmo modo como o fizeram os jesuítas nos séculos XVI e XVII. Um bom exemplo disso é a tradução do Novo Testamento ao Kaingang, no século passado (ver D'Angelis, 2004).²

No caso da seleção de fábulas de Esopo, nesse projeto de tradução ao Terena, vale observar que esse gênero textual não é estranho aos povos indígenas, quaisquer que sejam. Todos eles criaram (e “trocaram”, em contextos de contato cultural) narrativas desse tipo, em que a fictícia interação entre animais que falam é um recurso para a reflexão sobre os comportamentos humanos, tanto aqueles considerados bons e exemplares (como a solidariedade, a gratidão e a ajuda mútua), como aqueles tidos por reprováveis ou condenáveis (como a ganância e a avareza).

² Em uma dissertação que trata da tradução do Novo Testamento ao Nheengatu, pela Missão Novas Tribos do Brasil (ou New Tribes), Góes Neto (2015) acusou minha análise de “*uma concepção estática sobre as práticas de tradução*” (p.33) e de que eu veicularia, em meus argumentos, o conceito de *aculturação*. Ocorre que nem a palavra *aculturação*, nem seu conceito, se encontram no meu texto. E a crítica ao que ele chamou de *concepção estática* não é demonstrada, permanecendo como acusação gratuita no texto.

Esopo em terena: não é fabuloso?

Infelizmente – e todos sabemos disso – um grande número de sociedades indígenas vêm perdendo suas línguas e suas narrativas tradicionais, e o projeto do livro *Fábulas de Esopo em terras terena* pode servir – além do que já se falou, a respeito dos benefícios da tradução – como incentivo à valorização ou recuperação das narrativas próprias.

Não há dúvidas de que, nesse processo, está envolvida uma forma de contato cultural, mas, de modo diferente das práticas de tradução bíblica, aqui não há um esforço e nem há um interesse em impor valores ou práticas que conflitem com aqueles cultivados pelas próprias comunidades; muito menos se encontra a mais pálida forma de reprovação dos valores e práticas tradicionais da comunidade falante da língua-alvo.

Será importante conhecer, no entanto, agora e no futuro, uma avaliação dos próprios intelectuais Terena³ sobre a validade e a qualidade do trabalho em questão.

REFERÊNCIAS

D'ANGELIS, W. R. O SIL e a redução da língua Kaingang à escrita: um caso de missão 'por tradução'. In Robin, R. W. (org.). **Transformando os Deuses**. Vol. II: Igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004, v. II, p. 199-217.

D'ANGELIS, W. R. **Línguas Indígenas precisam de escritores? Como formá-los?** Campinas, SP: Cefiel - IEL - UNICAMP, 2005. 48 pp.

D'ANGELIS, W. R. **Como nasce e por onde se desenvolve uma tradição escrita em língua indígena?** Campinas, SP: Editora Curt Nimuendajú, 2007.

³ Pelo termo “*intelectuais*” não me refiro, como alguns podem entender, a pessoas com formação acadêmica; refiro-me, sim, a qualquer Terena que se ocupe de pensar a situação de seu povo, e refletir em busca de soluções para os problemas que o povo enfrenta.

D'ANGELIS, W. da R.

GÓES NETO, Antonio F. **O Novo Testamento em nyengatu (1973):** um capítulo na história das traduções bíblicas para línguas indígenas. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução. São Paulo: FFLCH-USP, 2015.

SOBRE O AUTOR

Wilmar R. D'Angelis é Doutor em Linguística, pela UNICAMP (1998), universidade na qual integrou a área de Línguas Indígenas do Departamento de Linguística, de 1994 a 2023. Atuou como indigenista junto aos povos indígenas do Sul do Brasil entre 1977 e 1987. Tem publicado diversos trabalhos sobre história indígena do Sul do Brasil, ao lado de sua produção sobre línguas indígenas. Atua em programas de revitalização de línguas indígenas desde o final da década de 1990, produzindo reflexão original sobre o tema há duas décadas.